



O VALOR DOS ESTUDOS HISTÓRICOS NO TRATADO DE ENSINO (1530) DE JOAN LUIS VIVES

Itamar Freitas de Oliveira
itamarfo@gmail.com
(UFS)

Resumo

Este texto aborda a estrutura, a forma e a função do ensino de história explicitadas pelo filósofo espanhol Juan Luis Vives (1492/1540) no livro *De disciplinis* (1530). O trabalho faz parte de uma pesquisa mais ampla, intitulada “Didáticas da história: de J. Vives a J. Dewey”, desenvolvida junto ao Núcleo de Pós-Graduação e Pesquisas em Educação da Universidade Federal de Sergipe. O projeto concebe o objeto “ensino de história” como um conceito histórico ideal-típico, ou seja, não “encontrado empiricamente em parte alguma da realidade”, mas que reúne certa massa de atributos particulares a diferentes realidades históricas. O objetivo central é interrogar os clássicos teóricos (filósofos, sociólogos, ensaístas) da educação, que produziram entre os séculos XVI e XIX, acerca do espaço ocupado pelo ensino de história em suas prescrições curriculares. Em J. Vives, percebemos que a história ainda não se constitui uma arte e não possui espaço com disciplina. É um saber inscrito no antigo regime de historicidade e está dispersa no currículo, ora como instrumento auxiliar, ora como mecanismo constituinte das demais artes, incluindo-se a Medicina.

Palavras-chave: Ensino de história. Joan Luis Vives. Didática da história.

Neto de comerciantes judeus convertidos, Juan Luis Vives (1492/1540) nasceu e passou grande parte da sua juventude em Valença, vivenciando o clima católico unitarista e inquisitorial que rendeu ao reino mais de 2.000 processos até 1530, levando, inclusive os seus pais à fogueira.

Vives morou também em Bruxelas, Louvein, Paris e Londres, exercendo o magistério superior e a preceptoría. Sua obra mais conhecida – para alguns, demarcadora do início da pedagogia moderna – foi *De disciplinis*, tratado de educação escolar impresso em 1531 e constituído por três tomos: *De causis corruptarum artium*, *De tradendis disciplinis*, e *De artibus*. (Cf. MORENO e CALERO, sd.).

A idéia de currículo em Vives e o lugar do ensino de História são, obviamente, debitários da sua idéia de homem e vida, construídos em meio aos discursos e conflitos originários da Reforma, da Inquisição, do pensamento e da crítica católica aos pressupostos escolásticos. Isso é o que tentarei mostrar nos próximos tópicos. O exame da sua obra educativa é fundamental para entender as mutações de sentido dos estudos escolares de História, ocorridas entre os períodos





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

de produção intelectual nomeados como humanismo (de Lutero e Montaigne) e iluminismo (de Rousseau e Condorcet, por exemplo).

O homem e o valor do conhecimento

Para Vives, o homem é um ser dotado de energia vital que lhe possibilita mover-se por sua própria vontade (ser vivo). Possui sentidos externos, sentidos internos e razão. Os sentidos externos estão distribuídos por todo o corpo: visão, audição, tato, paladar e olfato. Os sentidos internos são alojados no cérebro: imaginação [a fantasia] e o juízo. Ambos são fundamentais à manutenção da vida, pois identificam e julgam as coisas benéficas e nefastas à saúde humana.

O que, efetivamente, diferencia os homens dos outros animais, portanto, é a existência e a dinâmica da mente. Ela “recuerda el pasado, pronostica el futuro y busca el criterio acerca de la verdad y de la falsedad”, enquanto os corpos animais, desprovidos de mente, atem-se apenas ao presente (VIVES, *Alma e vida*, Livro I, capítulo XI, p. 88-89; *Das disciplinas*, Tomo I, Capítulo I, p. 17). A mente submete os demais sentidos (diferentemente dos animais irracionais, dominados pela fantasia e pela imaginação) e faculta ao homem o controle sobre as demais criaturas:

[...] el cuerpo debe obedecer al alma, y [...] en el alma, en cambio, las pasiones carentes de razón hayan de servir a la propia razón, como dueña y señora, es decir, que por ella somos hombres y de estas cosas que tratamos es la más semejante y más unida a aquella Naturaleza Divina, que todo lo rige. (VIVES, *Das disciplinas*, Tomo III, Livro V, Capítulo III, p. 241).

De onde vem e qual seria a finalidade de tais poderes (ou faculdades)? Ora, o homem é criatura de Deus – supremo poder, saber e bem. Apesar de estar contaminado pelo pecado e oprimido pelo seu corpo, o homem foi provido de meios para chegar [voltar?] a Ele. Esses meios, “a luz”, ou simplesmente as faculdades do corpo e da mente, são instrumentos que viabilizam a formulação de hipóteses sobre a dinâmica da natureza (o fenômeno da digestão humana, os solstícios etc.), possibilitando-lhe conhecer as “causas últimas”, já que as “causas primeiras” são prerrogativas de Deus (a razão da existência dos astros, a formas dos seres vivos etc.). As faculdades do corpo e da mente, por fim, orientam a seleção das coisas úteis e boas à breve vida





terrena – momento de preparação à vida [eterna] (Cf. VIVES, *Las disciplinas*, Tomo III, Livro I, capítulo 1).

O currículo vivesiano

O currículo de Vives concentra-se no ensino dos adolescentes e adultos e é modelado pelas sete artes liberais da Antiguidade clássica: são três para a linguagem (Gramática, Dialética e Retórica) e quatro para a medida (Geometria, Aritmética, Música e Astronomia). Isso é o que se pode observar nos textos iniciais do Tomo I, onde ele faz a crítica do currículo do seu tempo (Cf. VIVES, *Das disciplinas*, Tomo 1, Capítulo II, p. 20). Para ele, as artes foram corrompidas, principalmente, pelos vícios da alma (soberba, ambição, desejo por dinheiro e luxúria), a ignorância (principalmente) dos seus contemporâneos em relação às línguas grega e latina, o desaparecimento das obras clássicas e o imperfeito trabalho dos copistas.

No Tomo II, lugar em que prescreve o novo currículo (não corrompido), Vives indica os conhecimentos fundamentais para a vida em sociedade, isto é, as matérias que satisfazem às necessidades humanas no que diz respeito à linguagem e à medida. Mas, alerta:

No seguirá cada uno de los temas en esse mismo orden en el que los hemos analizado, de suerte que a pasar a um estudio ulterior, crea que es um sacrilégio volver la mirada al anterior. Mezclará los estúdios y volverá a los primeiros mientras se ocupa en los terceros, a los terceros mientras se ocupa en los sextos, pues todos ellos tienen entre si cierta conexión y afinidad. Unos los tomará de nuevo en sus manos, porque sean necesarios para su uso inmediato, otros, porque los considere alívios para su trabajo presente. (VIVES, *Das disciplinas*, Tomo II, [Livro VI], Capítulo 1, p. 259).

As línguas possuem utilidade extrínseca, isto é, tem o objetivo de fornecer o acesso a todas as “artes” e a todas as “disciplinas”: “La dialéctica y La retórica son instrumentos de las artes, no artes, y mejor son enseñadas por la natureleza que por el maestro” (VIVES, *Das disciplinas*, Tomo I, Capítulo, [Livro VI], Capítulo I, p. 259). Vives sugere o ensino do Grego e do Latim auxiliados pela Poesia e História.

Às línguas grega e latina seguem-se-lhes a Dialética e a Retórica. A primeira (método ou procedimento para examinar o verdadeiro do falso) inclui a contemplação e discussão da natureza





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

(Física, abrangendo conhecimentos de obras de Geografia, Hidrografia, Astronomia, entre outros), a obtenção de argumentos (Probabilidade) [e a censura da verdade (Juízo)]. Com a segunda, Retórica, aprende-se a ensinar, persuadir e comover os audientes (efetivada por meio da composição, desenvolvimento, imitação entre outros procedimentos).

A segunda parte do currículo vivesiano trata das medidas. Essa mudança de objeto e de finalidade representa também uma mudança de ênfase no uso dos sentidos. Das línguas às matemáticas, portanto, o ensino deixa de ser prioritariamente auditivo para tornar-se visual.

As matemáticas são ordenadas segundo níveis de complexidade: das mais simples – Aritmética (estudo dos números) e Geometria (estudo dos volumes) – às mais complexas – a Astronomia (Geometria aplicada ao firmamento), Óptica ou Perspectiva (Geometria aplicada às coisas visíveis), e Música (Aritmética mesclada aos sons) (Cf. Vives, *Das disciplinas*, Tomo II, Livro IV, Capítulo V, p. 189-190).

Após os vinte e cinco anos de idade, os alunos prodigiosos de engenho estarão aptos a estudar as artes e invenções superiores, responsáveis, da mesma forma, pela manutenção do corpo e do espírito. Para curar os males do corpo servem as artes médicas (Dietética e Medicina, entre outras). Para os males do espírito – para ensinar “quién es Dios y cómo debemos comportarnos para com Él”, Vives prescreve a Prudência (arte de governar). (VIVES, *Das disciplinas*, Tomo II, Livro V, Capítulo I, p. 215).

Ainda fazem parte do currículo do homem maduro a arte da Justiça – o conhecimento do sentido, intenção, vigor, vigência, equidade e época de aplicação das leis. (Cf. Vives, *Das disciplinas*, Tomo II, Livro V, Capítulos IV e V) – e a Filosofia Moral. Esta última é dividida em quatro áreas: 1) os preceitos que regem a formação do espírito e dos costumes individuais – Ética; 2) a administração dos bens da casa – Economia; 3) o comportamento nas assembléias – Política; e 4) os “deveres da vida” de cada povo (Cf. VIVES, *Das disciplinas*, Tomo II, Livro V, Capítulo III).

A História: ciência ou arte?

Observe que no tópico anterior empreguei as palavras “matéria”, “disciplina”, “artes” e “conhecimentos” para anunciar os elementos do currículo vivesiano. O que significam tais expressões? Limitado pela tradução, posso assegurar apenas que as artes se sobrepõem às demais





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

nomenclaturas e, ainda, que a História não é considerada uma arte, isto é, a História não tem uma utilidade intrínseca.

Para Vives, conhecimento/ciência é o produto da ação dos sentidos aceito coletivamente como semelhante à realidade. Mas arte é apenas aquele conhecimento

[...] que sirva de norma para algún efecto, ya que lo que se produce a ciegas y por casualidad, no sucede a causa del arte, como aquel pintor que, haviendo lanzado irritado la esponja contra su cuadro, consiguió representar la espuma de la boca de um caballo. Por lo tanto, arte es la facultad para alcanzar uno fin determinado y seguro [...] (VIVES, *Das disciplinas*, Tomo II, Capítulo II, p. 16).

aquellos conocimientos que no se acogen a unas reglas o preceptos, en absoluto serán artes, sino, com una denominación general, algún tipo de conocimiento o de práctica, como las nociones de los hechos históricos o la observación de la divinidad. Por esto, daremos esta definición de arte: conjunto de todos los preceptos dispuestos para conocer, llevar a cabo o producir algo en determinada amplitud del fin. Como quiera que a menudo em el arte algunas cosas se dejan poco analizadas em su totalidad, como em la contemplación de la naturaleza, a veces utilizaremos el término arte em sentido más general, como em la observación, o incluso alguna vez em algunos tipos de conocimiento, em lo cual no habrá ningún peligro. Pero esto se nos tuvo que advertir (VIVES, *Das disciplinas*, Tomo II, Capítulo III, p. 18).

Assim, por essa classificação e pelo exemplo fornecido, História não pode ser considerada uma arte. É um “conhecimento” ou uma “prática”. Ela é um conhecimento exemplar sobre o passado (antigo e moderno) que auxilia e aperfeiçoa a Prudência (Cf. VIVES, *Das disciplinas*, Tomo II, Livro I, Capítulo VII, p. 38-39)

Não sendo uma arte, qual o lugar da História no currículo vivesiano? Ora, o currículo não é constituído apenas por artes. Ele necessita de outros instrumentos. As línguas, por exemplo, não são artes no sentido intrínseco, mas são fundamentais para se chegar às artes (como vimos acima). A Dialética e a Retórica, da mesma forma, são instrumentos. A História é, portanto, um conhecimento auxiliar aos estudos das línguas e fundamental ao desenvolvimento da Prudência e das demais artes. Vejamos primeiro o seu papel na gramática das línguas.

A História no estudo das línguas





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

Inclusa no ensino de Gramática, a História auxilia o aluno a entender o que escreveu na língua grega ou latina. Ler histórias [contribuiria para o entendimento e a retenção das letras, sílabas, palavras e frases – o aprendizado da boa escrita e da boa fala]. No ensino do Grego, os relatos históricos são base de comparação entre traduções latinas e gregas de um mesmo autor. São as palavras que interessam e não o conteúdo substantivo (conteúdo conceitual) sobre a experiência grega ou latina.

No ensino da língua latina, a escrita da História é requisitada para a compreensão e memorização de trechos, informar sobre homens, períodos, marcos temporais, como também para “aliviar o tédio”. (p. 253, 263).

Al narrar uma história ou una fábula no la comenzará desde el principio, sino que contará que ella lo bastante para que los alumnos entiendan el pasaje que se examina. Y si la han oído ya antes, será suficiente recordársela en pocas palabras. De cuando en cuando, no obstante, se buscan digresiones amenas tanto al que habla como al que escucha, de suerte que la historia o la fábula se relata com más detalles para aliviar el tédio. Yo preferiria que el gramático pecara por prolijidad a que lo hiciera por concisión excesiva, al considerar, siguiendo la costumbre estoica, que basta com haber apuntado las ideas. Se aparece el nombre de um varón de aquellos a quienes la fama há celebrado, a saber cosas, o incluso renombrado por sus abominables crímenes, se enseñará a los discípulos principales o, por lo menos, aquellos que más hagan al caso. De idêntica manera se obrará com sus acciones infames e ignominiosas. A la sazón mostrará el maestro a los alumnos los diversos períodos cronológicos delimitados com hitos célebres, como después diré. Luego le será fácil indicarles de cuál de estos histos estuve más cerca el personaje de quien se habla (VIVES, *Das disciplinas*, Tomo II, Livro III, Capítulo II, p. 88-89).

Esse caráter prazeroso da História, por vezes, parece estar atrelado ao papel do gênero narrativo (da narrativa). No livro em que apresenta sua noção de Psicologia da aprendizagem – *De anima et vita* (1538), ele afirma que as “historietas” tem maior poder de convencimento porque não põem o aluno na defensiva (em prontidão – não suscitam sua preocupação). Os discípulos as consomem com/em segurança. (Cf. VIVES, *A alma e a vida*, Livro II, Capítulo V).

A narrativa também interfere nos afetos relacionados ao bem e ao mau. A leitura de uma narrativa mobiliza os sentimentos do leitor em relação ao futuro (o ódio ao Anticristo e amor por Cristo – ambos ainda não estão presentes) e também em relação ao passado: “quando lemos una historia, la esperanza y el temor tienen el ánimo en suspenso acerca del final que tendrán los acontecimientos” (Cf. VIVES, *A alma e a vida*, Livro III, Capítulo I). As narrativas também fazem rir,





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

“acalmam o coração”. (Cf. VIVES, *A alma e a vida*, Livro III, Capítulo X), distraem o pensamento que é uma boa estratégia para combater a tristeza (um sentimento relacionado ao mau no presente) (Cf. VIVES, *A alma e a vida*, Livro III, Capítulo XIX).

Vives também sugere livros de História. Aconselha a leitura de Tito Lívio, Valério Máximo e Cícero. Para os usos, entretanto, não atribui grande valor à recolha de informação sobre sujeitos, acontecimentos e motivações. No ensino do Latim, os títulos sugeridos contribuem muito mais com o apuro da escrita – veículo de comunicação e convencimento. A História é entendida como repositório de estilos e de palavras de adorno e, ainda, repositório de exemplos morais.

Sobre o conhecimento do conjunto da experiência humana, Vives não cita nenhum autor que cumpra essa tarefa. É o próprio quem sugere os marcos temporais (os acontecimentos que indicam mudanças) e uma periodização, mesclando, como podemos ver em seguida, a história sagrada à história secular e incluindo a experiência do tempo presente (até “o Império de Carlos V, de quien somos súbditos” – p. 270). Ele defende, por fim, uma história cronológica e de síntese, seja da totalidade da vida no mundo, seja da vida de um povo.

Quadro n. 1 – Acontecimentos e periodização da História

(Juan Luis Vives – 1531)

Períodos	Acontecimentos
1º	De Adão ao Dilúvio
2º	Do Dilúvio a Abraão
3º	De Abraão a Moisés
4º	De Moisés à Guerra de Tróia
5º	Da Guerra de Tróia à fundação de Roma
6º	Da fundação de Roma à expulsão dos Reis
7º	Da expulsão dos reis à conquista de Roma pelos Galos
8º	Da conquista de Roma pelos Galos à Alexandre da Macedônia
9º	De Alexandre da Macedônia à Primeira Guerra Púnica
10º	Da Primeira Guerra Púnica à Terceira Guerra Púnica
11º	Da Terceira Guerra Púnica até Sila e Mário
12º	De Sila e Mário ao nascimento de Cristo





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

13º	Do nascimento de Cristo até Constantino
14º	De Constantino aos Godos
15º	Dos Godos aos Unos
16º	Dos Unos a Carlos Magno
17º	De Carlos Magno à eleição dos imperadores
18º	Da eleição dos imperadores a Godofredo de Bouillon
19º	De Godofredo de Bouillon à passagem dos Turcos à Europa
20º	Da passagem dos Turcos à Europa à tomada de Bizâncio
21º	Da tomada de Bizâncio à recuperação de Granada
22º	Da recuperação de Granada ao Império de Carlos V

Fonte: Vives, *Das disciplinas*, Tomo II, Livro III, Capítulo VI, p. 116.

O estudo das línguas, com vimos, abrange os instrumentos da Dialética e da Retórica. Aqui também a História é auxiliar. Na Dialética, a leitura de histórias ajuda a restabelecer as forças despendidas com os exercícios corporais, que por sua vez, mantém a saúde corporal – fundamental ao bom funcionamento do [ingenio].

Na Retórica, as “historietas” são ideais aos exercícios de construção (desenvolvimento) de argumentos simples. Também são a base para o aprendizado da imitação. Com Tácito, sugere Vives, aprende-se a explicar e a indicar as causas dos fatos históricos. Com Suetônio e Floro, o aluno aprende a narrar (Cf. VIVES, *Das disciplinas*, Tomo II, Livro IV, Capítulo IV, p. 182).

A História no estudo das artes e das invenções

Nas artes e nos inventos, a História colabora na constituição da Medicina (e também da Filosofia Moral, Direito e Teologia). A História “engendra”, “nutre”, “acrecienta” e “perfecciona” as artes (VIVES, *Das disciplinas*, Tomo II, Livro V, Capítulo I, p. 221). Citando Plínio e M. Varrón, Vives afirma que

la memoria de la antigüedad muesta cuántas clases de enfermedades, de qué modo y donde se originaron, se desarrollaron, fueron reprimidas, frenadas y destruídas. Sin su conocimiento [da História] la medicina está mutilada y privada de su parte más importante, la cual necesariamente há de recoger-se de tantas





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

experiências y de todos los lugares, gota a gota como el agua de lluvia (VIVES, *Das disciplinas*, Tomo II, Livro V, Capítulo I, p. 220).

No entanto, é com a Prudência, ou arte de governar, que a História mais contribui. A Prudência é uma faculdade fundada no Juízo e na experiência. O Juízo (faculdade) não é ensinado, mas pode ser “limado” e “polido” através de leituras (ouvido), falas e da experiência. A experiência é da ordem pessoal e alheia. A experiência pessoal é colhida junto às próprias ações e à idade. As experiências dos outros são “vistas”, “lidas” e “ouvidas”, isto é, são as experiências vividas e registradas dos outros e pelos outros, colhidas junto à História.

Aqui, “memória do passado” e História tem o mesmo sentido. A Prudência, então, opera por conjecturas, entre as circunstâncias e as conseqüências. A “memória do passado” ou História é um repositório de exemplos à disposição da Prudência no curso das suas conjecturas para bem governar as paixões – para decidir sobre o que deve e o que não deve ser feito.

[A História] hace que parezca que estuvimos tan presentes em los hechos pasados como em los contemporâneos y que podamos servirnos de aquéllos del mismo modo que de los nuestros [...] Se hay Historia, ésta hace de los niños ancianos, pero si falta, de los ancianos hace niños, puesto que es testigo de los tiempos y luz de la verdad, como fue definida por los hombres más sábios [Cícero] (VIVES, *Das disciplinas*, Tomo II, Livro V, Capítulo I, p. 220).

Noutra passagem, Vives explica como, efetivamente, a História (memória do passado) – “testigo de los tiempos y luz de la verdad” (VIVES, *Das disciplinas*, Tomo II, Capítulo 1 p. 218) – atua na constituição de identidades e na orientação da vida prática:

Nadie conocería a su padre ni a sus antepasados, nadie podría conocer o defender su próprio derecho o el de outro, nadie sabría qué región habita ni de qué modo há llegado hasta ella, nadie tendría sus posesiones seguras y estables, si no fuera por la Historia [...] Qué prudência, pues, hay mayor que saber qué cosa excita cada uma de las pasiones humanas o qué cosa las atempera, y qué influencia ejercen éstas en la república, qué motines suscitan y cómo deben ser contenidas, sanadas, suprimidas, o, por el contrario, desatadas y avivadas, bien en los otros, bien en nosotros mismos? Qué conviene conocer más, a quien se encarga del gobierno de la ciudad o a cualquier ciudadano? Y, sin duda, del modo más agradable y com el más afortunado género de prudencia, pues, cuánto más venturoso es saber, advertido por males ajenos que por propios, de manera que la Historia sea como um ejemplo de aquello que debas perseguir y de lo que debas evitar? (VIVES, *Das disciplinas*, Tomo II, Capítulo I, p. 219-220).





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

Se no ensino das línguas pouco indica autores e livros, no ensino da Prudência, Vives inventaria a historiografia útil. Os critérios são os mesmos: obras e autores que visam o bem e a verdade. A cronologia também é defendida, ou seja, estudar a experiência dos homens ou a experiência dos homens de um país de forma diacrônica e total, conforme periodização explicitada no quadro n. 1.

Para tanto, ele relaciona autores e alguns títulos como descrito no quadro n. 2. Os gêneros, por fim, estão presentes em três categorias. Livros de síntese sobre o mundo ou sobre um povo, epítomes sobre o mundo ou sobre os povos, e cronologias. Eles devem ser lidos pelos adultos e pelos mais velhos. Para aqueles que não conseguem ler todas as obras, Vives sugere o costume romano: que “valga-se... de um lector, al que escuche mientras recite com claridad, sabiduría y fuidez. (VIVES, *Das disciplinas*, Tomo II, Livro V, Capítulo II, p. 239).

Autores e obras de História sugeridas para a leitura dos adultos

Períodos	Autores/obras
Hebreus [Da criação à Antiguidade clássica]	Moisés – <i>Gênesis</i> , Beroso de Babilônia – <i>Genesis</i> , Annio de Viterbo, Eusebio, <i>Éxodo</i> , <i>Números</i> , <i>Josué</i> , <i>Jueces de Israel</i> , Filón de Alejandría.
Grécia	Diodoro de Sicília, Homero, Dares, Dictis, Dião de Prusa, Filóstrato, Quinto de Calabria, <i>Libros de los Reyes</i> , <i>Paralipómenos</i> , <i>Ester</i> , <i>Tobías</i> , <i>Judit</i> , os apócrifos, <i>Esdras</i> , Josefo, Apión, Heródoto, San Jerónimo, Tucídides, Jenofonte – <i>Historia</i> , <i>Palralipómenos</i> , las leyes de Licurgo, Ciro – <i>Anábasis</i> , <i>Paideia</i> , Elilio Probo, Curcio, Arriano, Plutarco – <i>Las vidas de diez oradores</i> , Justino, Pausanias, Diógenes Laercio – <i>Vidas de los filósofos</i> , Eliano.
Roma [Pagã e cristã]	Fenestela, Pomponio Leto, Fausto Víctor, Livio, L. Floro – <i>Epítome</i> , Dionisio de Halicarnaso, Políbio – <i>Libros de los Macabeos</i> , Salustio – <i>Acerca de La guerra de Yugurta y Sobre La conjuración de Catilina</i> , César – <i>Comentarios</i> , Lucano, Cornelio Nepote, Julio Obsequens – <i>De los Prodigios</i> , Apiano de Alejandría, Veleyo Patérculo, Plutarco, Valerio Máximo, Lucas – <i>Los hechos de los apostoles</i> , <i>Evangelio</i> , Suetonio Tranquilo – <i>De los gramáticos</i> , Cornelio Tácito, Diógenes Laercio – <i>Vidas de los filósofos</i> , Flavio Josefo – <i>Antigüidades e Guerra judaica</i> , Egesipo, Dião Casio Cocceiano, Severo – <i>Historia romana</i> , <i>Hazañas de Trajano</i> , <i>Vida de Arriano</i> , Julio Frontino, Filostratos – <i>Sofistas</i> , <i>Apolonio</i> , Herodiano, Pomponio Leto, Paulo Orosio, Eutropio, Sexto Aurelio, Flavio Biondo, Pedro Crinito, Paulo Varnefrido de Lombardía, Procopio, Agatías, Leonardo Bruni de Arezzo – <i>Guerra contra los godos</i> , Pio II – <i>Décadas de los romanos desde La decadência Del Imperio</i> , Eu sebio – <i>Historia eclesiástica</i> , Rufino, <i>Historia eclesiástica – Tripartita</i> , Casiodoro, San Jerónimo, Genadio, Beda, Isidoro de Sevilla – <i>Compilação das Actas de los Concilios</i> , Pio – <i>Complação das Actas Del Concilio de Basileia</i> .





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

Histórias de outros povos da Europa e do Oriente [Pós-desagregação do Império romano]	Eginhardo, Turpin e Donato Acciaiuoli – sobre Carlomagno, Gaguin – Francos, Paulo Emilio – Francos, Jordanes – Godos, Rodrigo – Espanha, Alberto Crantz – Sajonia, Sabélico – Venécia, Marineu Sículo – Aragón, Héctor Boecio – Escocia, Papa Pio – Bohemia, Beato Renano – Alemanha, Saxo Gramático – Bretanha, Agatón – Tártaros, Platina, Juan Tritermio, Leonardo de Arezo, Pontano – Nápolis, Miguel Ricci, Bautista Egnazio, Pedro Mártir de Milán.
Histórias de vida	Tácito – sobre Agrícola, Severo – San Martín, Paulino – Ambrosio, Poncio – Cipriano, Jerónimo – Paula, Hilarión e de Malco, Lorenzo Valla – Rey Fernando de Aragón, Antonio Panormita – Afonso.
Obras de não historiadores	Rafael Volaterrano – <i>Antropologia e Geografia</i> , Cicerón, Séneca, Gelio, Macrobio, Polidoro Virgílio – <i>De los inventores de cosas</i> , Agustín – <i>Ciudad de Dios</i> , C. Plinio, Solino, Estrabón, Pio II, Patón, Plutarco, Suidas, Ateneo.
Outros autores sobre Grécia e Roma	Antonio, Valera, Froissart, Montrelet, Felipe de Commines.

Fonte: VIVES, *Das disciplinas*, Tomo II, Livro V, Capítulo II.

Os conteúdos virtuosos e a escrita corrompida

A História, como se vê, é útil. Mas, essa função somente se efetiva se os conteúdos substantivos forem selecionados segundo o critério orientador da vida: obrar para o bem. São os assuntos da paz, a vida dos filósofos e, sobretudo, a vida dos santos católicos que interessam aos alunos. São os constituintes imutáveis da nossa natureza, “por ejemplo, las causas de las pasiones del espíritu, y sus acciones y efectos, lo que es mucho más útil conocer”, e não “de qué modo construían sus casas o vestían em outro tiempo los antiguos.” (VIVES, *Das disciplinas*, Tomo II, Livro V, Capítulo I, p. 219).

Assim, o professor deve estar alerta contra os equívocos presentes nas obras de historiadores antigos e modernos. Bondade e verdade devem ser perseguidas. Vives observa que nas obras desses dois períodos há erros na atribuição dos nomes dos sujeitos históricos, na atribuição das ações desses sujeitos históricos, nas durações e datações dos acontecimentos. Outro problema que afeta o trabalho dos historiadores antigos é a variedade de critérios para periodizar e construir as narrativas.

Vives credita esses tantos erros ao patriotismo, à prodigiosa imaginação dos autores, à busca por prestígio entre os leitores, à prática de elogiar os mortos e ao desprezo, diríamos hoje, pelas fontes coetâneas aos acontecimentos.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

Encerrando o inventário de problemas, Vives denuncia os interesses e objetos de alguns historiadores antigos, considerados inúteis e prejudiciais à vida (guerras, amores excessivos), à ignorância, mentira e o exagero dos modernos e, sobretudo desses últimos (que escrevem em suas línguas nacionais), o desprezo pela boa expressão. (Cf. VIVES, *Das disciplinas*, Tomo I, Livro II, capítulos IV e V).

Conclusão

O que parece claro, após esta descrição, é que a história não ganha ainda o estatuto de Arte e nem o espaço de uma disciplina no currículo vivesiano. A crítica ao modelo escolástico refere-se aos erros cometidos pelos autores clássicos, à ignorância dos copistas e incúria dos mestres contemporâneos. As artes liberais ainda predominam como estrutura do currículo prescrito.

A história, por sua vez, é consumida de variadas maneiras, a depender do nível de ensino (o colégio e a universidade) e das matérias e artes. Ganham relevo, entretanto, os distantes sentidos de instrumento de conforto, repositório de exemplos virtuosos da natureza humana e, ainda, modo de abordar a experiência das demais artes, ou seja, tratamento diacrônico que dá sentido e visibilidade à Medicina, por exemplo.

Em quaisquer das situações, todavia, podemos perceber claramente o sentido de mestra da vida – o vigor do antigo regime de historicidade e a função de guiar a ação presente, fundamentar o futuro distante e fornecer elementos de identidade individual e coletiva.

Referências

MORENO, Valentín, CALERO, Francisco. **Estudio introductorio**. Disponível em: <http://bv2.gva.es/i18n/estaticos/contenido.cmd?pagina=estaticos/vives/vives_introduccion>. Capturado em 8 ago. 2011.

VIVES, Juan Luis. **Das disciplinas**: las causas de la corrupción de las artes. Valencia: Biblioteca Valenciana Digital, 1997. Tomo I. Disponível em: <<http://bv2.gva.es/i18n/corpus/unidad.cmd?idCorpus=1&idUnidad=11458&posicion=1>>. Capturado em 8 ago. 2011.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

VIVES, Juan Luis. **Das disciplinas: La enseñanza de las disciplinas o la formación cristana.** Valencia: Biblioteca Valenciana Digital, 1997. Tomo II. Disponível em: <http://bv2.gva.es/i18n/corpus/unidad.cmd?idCorpus=1&idUnidad=11488&posicion=1>. Capturado em 8 ago. 2011.

VIVES, Juan Luis. **Das disciplinas: Las artes.** Valencia: Biblioteca Valenciana Digital, 1997. Tomo III. Disponível em: <http://bv2.gva.es/i18n/corpus/unidad.cmd?idCorpus=1&idUnidad=1&posicion=1>. Capturado em 8 ago. 2011.

VIVES, Juan Luis. **El alma y la vida.** Valencia: Biblioteca Valenciana, 1992. Disponível em: <http://bv2.gva.es/i18n/corpus/unidad.cmd?idCorpus=1&idUnidad=1&posicion=1>. Capturado em: 16 ago. 2011.

